

Me encontre

Me encontre

A N D R É A C I M A N

Tradução de
Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by André Aciman

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em quaisquer formas ou meios sem a permissão da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Find me

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

André Sequeira

Elisa Menezes

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Lola Vaz

IMAGEM DE CAPA

© Alexander Spatari/ Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A164m

Aciman, André, 1951-

Me encontre / André Aciman ; tradução Alessandra Esteche. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Find me

ISBN 978-85-510-0582-8

1. Romance egípcio. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

19-59704

CDD: 892.73

CDU: 82-31(620)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Tempo

Por que tão triste?

Eu a vi embarcar na estação em Florença. Ela abriu a porta deslizante de vidro e, uma vez dentro da cabine, olhou em volta e logo largou a mochila no assento vazio ao meu lado. Tirou a jaqueta de couro, deixou de lado o livro em inglês que estava lendo e se jogou na poltrona diagonal à minha com o que pareceu uma bufada de agitação de mau humor. Parecia alguém que segundos antes de embarcar tivera uma discussão acalorada e que ainda processava as palavras ríspidas que ela ou a outra pessoa dissera antes de desligar. A cachorra, que ela tentava manter entre as pernas segurando uma coleira vermelha enrolada no pulso, não parecia menos agitada.

— *Buona*, boa garota — disse por fim, esperando acalmá-la. — *Buona* — repetiu, mas a cachorra ainda se remexia e se contorcia, tentando se desvencilhar de sua pegada firme.

A presença do animal me incomodava e, como por instinto, recusei-me a descruzar as pernas ou mudar de posição para abrir espaço. Sua dona, no entanto, não pareceu notar minha presença ou minha linguagem corporal. Em vez disso, vasculhou a mochila, encontrou um saco plástico pequeno, de onde tirou dois biscoitinhos em formato de osso, colocou-os na palma da mão e ficou observando a cachorra lambê-los.

— *Brava.*

Com a cachorra momentaneamente apaziguada, ela meio que se levantou para arrumar a camisa, remexeu-se na poltrona uma ou duas vezes e caiu em uma espécie de letargia aborrecida, olhando a cidade com indiferença quando o trem começava a sair da estação Santa Maria Novella. Ainda estava agitada e, talvez sem perceber, balançou a cabeça algumas vezes, claramente ainda maldizendo a pessoa com quem tinha discutido antes de embarcar. Por um instante, pareceu tão desamparada que, olhando para o meu livro aberto, peguei-me tentando encontrar algo para dizer, ao menos para ajudar a desarmar o que parecia ser uma tempestade prestes a irromper em nosso cantinho nos fundos do vagão. Mas pensei duas vezes. Melhor deixá-la em paz e seguir com a minha leitura. No entanto, quando vi que ela olhava para mim, não pude me conter:

— Por que tão triste? — perguntei.

Só então me ocorreu o quanto minha pergunta deve ter soado inadequada a uma completa estranha em um trem, ainda mais uma que parecia prestes a explodir ao menor sinal de provocação. Tudo que ela fez foi me encarar com um brilho confuso e hostil no olhar, um presságio das palavras que logo me dariam um corte e me colocariam em meu lugar. *Cuide da sua vida, velho.* Ou: *O que você tem a ver com isso?* Ou talvez fizesse uma careta e soltasse uma reprimenda seca: *Babaca!*

— Não, não estou triste, só pensando — disse ela.

O tom gentil e quase pesaroso da resposta me surpreendeu tanto que fiquei mais atônito do que se ela tivesse dito para eu ir me foder.

— Talvez pensar faça com que eu pareça triste.

— Então são pensamentos felizes?

— Não, também não são felizes — respondeu ela.

Eu sorri, mas não disse nada, já arrependido da abordagem superficial e paternalista.

— No fim das contas talvez sejam tristes — acrescentou, cedendo com um sorriso derrotado.

Pedi desculpas por soar indelicado.

— Não foi nada — disse ela, já observando pela janela os primeiros sinais de uma paisagem rural. Era americana, perguntei? Era.

— Eu também — disse.

— Percebi pelo sotaque — acrescentou ela com um sorriso.

Expliquei que vivia na Itália havia quase 30 anos, mas de jeito nenhum conseguira me livrar dele. Quando perguntei, ela respondeu que se instalara na Itália com os pais aos 12 anos.

Nós dois estávamos indo a Roma.

— A trabalho? — perguntei.

— Não, não. É meu pai. Ele não está bem. — Então, levantando os olhos para mim: — Talvez explique a tristeza, eu acho.

— Alguma coisa séria?

— Acho que sim.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— É a vida! — Então, mudando de tom: — E você? Negócios ou lazer?

Eu ri da pergunta de formulário e expliquei que tinha sido convidado a dar uma palestra em uma universidade, mas que também ia encontrar meu filho que morava em Roma e me esperaria na estação.

— Com certeza, um garoto encantador.

Percebi que ela estava sendo irônica. Mas gostei do comportamento leve e informal que oscilava entre o taciturno e o jovial, supondo que o do interlocutor fazia o mesmo. O tom combinava com as roupas casuais: botas de caminhada gastas, calça jeans, sem maquiagem e camisa de flanela avermelhada desbotada e abotoada até a metade por cima de uma camiseta preta. E, apesar da aparência desleixada, ela tinha olhos verdes e sobrancelhas escuras. Ela sabe, pensei, provavelmente sabe por que fiz aquele comentário bobo sobre sua tristeza. Eu tinha certeza de que estranhos estavam sempre à procura de um pretexto para puxar conversa com ela. Talvez explicasse o aspecto irritado de *nem adianta tentar* que ela projetava onde quer que fosse.

Depois do comentário irônico sobre meu filho, não fiquei surpreso ao perceber a conversa esfriar. Hora de voltar para nossos respectivos livros. Mas então ela virou para mim e perguntou sem rodeios:

— Animado para ver seu filho?

Mais uma vez, pensei que ela estivesse me provocando de algum modo, mas o tom não era superficial. Havia algo ao mesmo tempo encantador e comovente em seu modo de criar intimidade, saltando os obstáculos que separam estranhos em um trem. Gostei daquilo. Talvez ela quisesse saber o que um homem com quase o dobro de sua idade sentia antes de encontrar o filho. Ou, simplesmente, não estivesse a fim de ler. E aguardava a minha resposta.

— Então, está feliz... talvez? Nervoso... talvez?

— Não, nervoso não, ou só um pouquinho, talvez — acrescentei. — Acho que todo pai sempre tem medo de ser uma imposição, isso para não dizer uma chateação.

— Você acha que é uma chateação?

Amei que ela tivesse se surpreendido com o que eu acabara de dizer.

— Talvez eu seja. Mas, vamos falar a verdade, quem não é?

— Eu não acho que meu pai seja uma chateação.

Será que eu a tinha ofendido?

— Então eu retiro o que disse — respondi.

Ela olhou para mim e sorriu.

— Calma aí.

Ela cutuca primeiro, depois perfura de uma só vez. Nesse aspecto, lembrava meu filho — era um pouco mais velha, mas tinha a mesma habilidade de apontar as minhas gafes e as pequenas manobras que eu fazia com cautela, deixando-me à deriva depois de discutirmos e fazermos as pazes.

Que tipo de pessoa você é depois que alguém já a conhece? Eu queria perguntar. *Divertida, jovial, brincalhona, ou há um sérum de melancolia e mau humor correndo por suas veias, turvando seus traços e apagando todas as risadas prometidas por esse sorriso e esses olhos verdes?* Eu queria perguntar... porque não dava para saber.

Eu estava prestes a elogiar sua capacidade de ler as pessoas tão bem quando o celular dela tocou. *Namorado, é claro! Quem mais?* Eu estava bastante acostumado a interrupções constantes por esse motivo; não era mais possível tomar um café com um aluno ou conversar com meus colegas ou até com meu filho sem que uma ligação se intrometesse. Salvo pelo celular, silenciado pelo celular, jogado para escanteio pelo celular.

— Oi, pai — disse ela, logo após o primeiro toque. Achei que tivesse atendido depressa para evitar que o

toque alto incomodasse os outros passageiros. Mas o que me surpreendeu foi o modo como gritava. — É o maldito trem. Está parado, não sei por quanto tempo vai ficar, mas não deve demorar mais que duas horas. Até logo. — O pai estava perguntando alguma coisa. — É claro que sim, seu velho tonto, como esquecer? — Ele perguntou mais alguma coisa. — Isso também. — Silêncio. — Eu também. Muito, muito.

Ela desligou e jogou o celular na mochila, como quem diz: *não vamos mais ser interrompidos*. Deu um sorriso desconfortável.

— Pais — disse, por fim, como quem diz *só muda o endereço, não é?*

Mas então explicou:

— Eu o vejo todo fim de semana... sou a acompanhante de sábado e domingo... meus irmãos e os cuidadores ficam com ele durante a semana. — Antes de me dar uma chance de dizer qualquer coisa, acrescentou: — Então, vejo que se embelezou para o evento desta noite. — falou ela.

Que jeito de descrever o que eu estava vestindo!

— Eu pareço *embelezado*? — respondi, devolvendo a palavra para ela em tom de brincadeira para que não achasse que eu estava pedindo elogios.

— Bem, o lenço, a camisa bem passada, sem gravata, mas com abotoaduras? Eu diria que você dedicou um tempo. Um pouco tradicional, mas elegante.

Sorrimos.

— Você esqueceu isso — disse eu, mostrando o lenço colorido no bolso do paletó e empurrando-o de volta para dentro. Eu queria que ela visse que eu tinha senso de humor suficiente para rir de mim mesmo.

— Como desconfie. Embelezado! Não exatamente um professor aposentado com roupas de domingo, mas quase. Então, o que vocês dois fazem em Roma?

Será que ela não ia desistir? Será que minha pergunta inicial a fizera pensar que poderíamos ser tão informais? Ainda assim, eu não me importava.

— Nos encontramos a cada cinco ou seis semanas. Ele está morando em Roma, mas em breve vai se mudar para Paris, e eu já estou com saudade. Gosto de passar o dia com ele; não fazemos nada, na verdade, só caminhamos, embora o roteiro acabe sendo sempre o mesmo: a Roma dele, próxima ao conservatório, a minha Roma, onde eu morava quando comecei a dar aulas. No fim das contas sempre almoçamos no Armando's. Ele me suporta, ou talvez goste da minha companhia, ainda não sei dizer, talvez as duas coisas, mas ritualizamos essas visitas: Via Vittoria, Via Belsiana, Via del Babuino. Às vezes andamos até o Cemitério Protestante. Esses lugares são como os marcos da nossa vida. Apelidamos de nossas vigílias, e nenhum dos dois esquece: almoço, caminhada, visitas. Sei que tenho sorte. Caminhar por Roma com ele é por si só uma vigília. A cada esquina tropeçamos em uma lembrança — nossa, de outra pessoa, da cidade. Gosto de lá ao entardecer, e, às vezes, tomamos um chá em algum lugar só para prolongar um pouco mais o dia até a noite cair e passarmos aos drinks.

— E é isso?

— É isso. Caminhamos pela Via Margutta, por mim, depois pela Via Belsiana, por ele... amores antigos, em ambos os casos.

— Vigílias de vigílias passadas? — brincou a jovem no trem. — Ele é casado?

— Não.

— Tem alguém?

— Não sei. Imagino que sim. Mas me preocupo com ele. Houve alguém há um tempo e eu perguntei se havia alguém agora, mas ele só balançou a cabeça e disse “Não pergunte, papai, não pergunte”. Significava ninguém ou todo mundo, e eu não soube dizer o que seria pior. Ele era muito aberto comigo antigamente.

— Acho que ele estava sendo sincero com você.

— Sim, de certo modo.

— Gosto dele — disse a jovem sentada à minha diagonal. — Talvez porque eu seja muito parecida. Às vezes as pessoas me culpam por ser aberta demais, indiscreta demais, outras por ser muito fechada e distante.

— Não acho que ele seja distante. Mas também não acho que ele seja muito feliz.

— Sei como ele se sente.

— Tem alguém na sua vida?

— Se você soubesse...

— O *quê?* — perguntei.

As palavras saíram de mim como um suspiro surpreso e queixoso. O que ela queria dizer... que não havia ninguém, que havia pessoas demais ou que o homem de sua vida a abandonara, deixando-a arrasada e sem nada além do impulso de descontar sua raiva em si mesma ou em sucessivos amantes? Ou as pessoas simplesmente iam e vinham, iam e vinham, como eu temia que muitas tivessem feito com meu filho... ou seria ela o tipo que entra e sai da vida de alguém sem deixar rastro ou recordação?

— Não sei se sou do tipo que sequer gosta de pessoas, que dirá me apaixonar por alguém.

Eu via nos dois o mesmo coração: amargurado, impassível, ferido.

— Você não gosta das pessoas, ou só se cansou delas e não consegue de jeito nenhum lembrar por que as achava interessantes?

De repente ela ficou quieta, parecendo completamente assustada, sem dizer uma palavra. Seus olhos me encaravam diretamente. Será que a ofendi de novo?

— Como você sabe? — perguntou, finalmente. Foi a primeira vez que a vi ficar séria e parecer zangada. Notei que afiava algumas palavras com as quais pudesse cortar minha presunçosa intromissão em sua intimidade. Eu não devia ter dito nada. — Não faz mais do que quinze minutos que estamos aqui e você já me conhece! Como você poderia saber isso sobre mim? — Então, recompondo-se: — Quanto você cobra por hora?

— Cortesia da casa. Mas se eu sei alguma coisa é porque acho que todo mundo é desse jeito. Além do mais, você é jovem e bonita, tenho certeza de que os homens ficam atrás de você o tempo todo, então não é porque você tem dificuldade de conhecer alguém.

Será que mais uma vez eu falei fora de hora e passei dos limites?

Para retirar o elogio, acrescentei:

— É que a magia de um alguém novo nunca dura o suficiente. Queremos sempre aqueles que não podemos ter. São as pessoas que perdemos, ou as que nem notaram nossa existência, que deixam marcas. Os outros mal ecoam.

— É o caso da senhorita Margutta?

Essa mulher não deixa uma bola quicando, pensei. Gostei do nome srta. Margutta. Lançava uma luz suave e dócil,

quase risível, sobre o que quer que tenha existido entre nós anos atrás.

— Nunca vou saber. Ficamos tão pouco tempo juntos, e foi tudo tão rápido.

— Há quanto tempo?

Pensei por um instante.

— Tenho vergonha de dizer.

— Ah, fala logo!

— Pelo menos duas décadas atrás. Bom, quase três.

— E?

— Nos conhecemos em uma festa quando eu era professor em Roma. Ela estava com alguém, eu estava com alguém, aconteceu de conversarmos e nenhum de nós dois queria parar. Uma hora o namorado e ela foram embora e, logo depois, nós fomos também. Nem trocamos telefones. Mas eu não conseguia tirá-la da cabeça. Então liguei para o amigo que tinha me convidado para a festa e perguntei se ele tinha o número dela. E aqui entra a parte engraçada: um dia antes, ela tinha ligado para ele para pedir o *meu* número. “Soube que estava procurando por mim”, disse quando finalmente liguei. Eu devia ter me apresentado primeiro, mas não estava pensando direito, estava nervoso. Ela reconheceu minha voz na hora, ou talvez nosso amigo já tivesse avisado que eu ligaria. “Eu ia ligar para você”, disse ela. “Mas não ligou”, respondi. “Não, não liguei”. E então ela disse algo que revelou que era mais corajosa do que eu, e que fez meu coração disparar, porque eu não esperava e nunca vou esquecer. “Então, como vamos fazer?”, perguntou. *Como vamos fazer?* Com aquela única frase eu soube que minha vida estava saindo de órbita. Ninguém que eu conhecia jamais me dirigiu palavras tão francas, quase ferozes.

— Gostei dela.

— Como não gostar? Contudente, objetiva, tão direto ao ponto que eu tive que tomar uma decisão na hora: “Vamos almoçar”, disse. “Porque jantar é complicado, certo?”, perguntou ela. Amei a ironia implícita e ousada no que ela tinha dito. “Vamos almoçar... hoje”. “Vamos hoje.” Nós rimos da velocidade com que as coisas estavam acontecendo. O almoço, naquele dia, seria em menos de uma hora.

— Te incomodou o fato de ela pretender trair o namorado?

— Não. Nem me incomodou o fato de que eu estava fazendo a mesma coisa. O almoço durou bastante. A acompanhei até sua casa pela Via Margutta, então ela me acompanhou até o lugar onde tínhamos almoçado, então eu a acompanhei até sua casa de novo. “Amanhã?”, perguntei, ainda sem ter certeza de que não estava forçando as coisas. “Com certeza, amanhã.” Era a semana anterior ao Natal. Na tarde de terça fizemos uma coisa completamente insana: compramos duas passagens de avião e fomos para Londres.

— Que romântico!

— Foi tudo tão rápido e pareceu tão natural que nenhum de nós viu a necessidade de discutir o assunto com nossos parceiros nem de pensar neles duas vezes. Simplesmente deixamos de lado todas as inibições. Coisa que ainda tínhamos naquela época.

— Você quer dizer ao contrário de hoje?

— Eu não saberia dizer.

— É, suponho que não saberia mesmo.

A provocação implícita mostrou que a intenção era me irritar de leve.

Eu ri.

Ela também, sua maneira de sinalizar que sabia que eu estava sendo dissimulado.

— De qualquer forma, terminou em questão de dias. Ela voltou para o namorado, e eu para a minha. Não ficamos amigos. Mas eu fui ao casamento e acabei convidando os dois para o meu. Eles ficaram juntos. Nós não. *Voilà*.

— Por que você deixou que ela voltasse para o namorado?

— Por quê? Talvez por nunca ter me convencido completamente do que eu sentia. Ou por não querer lutar para ficar com ela, algo que ela já sabia que eu não faria. Talvez eu quisesse estar apaixonado e temia não estar, então preferi nosso pequeno limbo em Londres a encarar o que eu não sentia por ela. Talvez eu tenha preferido duvidar a saber. Então, quanto *voce* cobra por hora?

— *Touché!*

Quando foi a última vez que falei assim com alguém?

— Então, me fale sobre a pessoa na *sua* vida — pedi. — Com certeza você está saindo com alguém especial?

— Saindo com alguém, sim.

— Há quanto tempo? — Parei de repente. — Se me permite perguntar.

— Permito. Poucos meses. — Então, dando de ombros. — Nada digno de nota.

— Você gosta dele?

— O suficiente. Nos damos bem. E temos muitos gostos em comum. Mas somos só dois colegas de quarto fingindo ter uma vida juntos. Coisa que não temos.

— Que definição! *Dois colegas de quarto fingindo ter uma vida juntos*. Triste.

— É triste. Mas o que também é triste é que, nos últimos meses, talvez eu tenha compartilhado mais com você agora do que em uma semana inteira com ele.

— Talvez você não seja do tipo que se abre.